

Quero dizer mais uma vez, a este respeito, que as tentativas de opôr o partido aos Sovietes são totalmente inaceitáveis e não correspondem aos objectivos da perestroika nem aos interesses dos trabalhadores. São igualmente inconsistentes e erradas, teórica e politicamente, as propostas para estatizar o partido e subordiná-lo ao Estado. É um recuo, uma versão do sistema burocrático-administrativo, que não oferece nada de novo. Há que avançar com firmeza, guiando-nos pela tese leninista sobre a delimitação das funções do partido, dos Sovietes e dos organismos de gestão. Entrámos nesta via e não nos desviaremos dela.

Constatando isto, devemos dizer que a antiga política de "diktat" do partido em relação aos Sovietes a todos os níveis mostrou que não é eficaz. É uma política inaceitável. Os métodos e formas de interacção novos e democráticos devem basear-se, conforme já disse, numa definição nítida das funções de vanguarda política da sociedade, por um lado, e de poder e administração que passam para os Sovietes, por outro. Devemos tomar consciência disso, compreender a necessidade objectiva desta abordagem e mudar de atitude no plano político e psicológico. (Falo do aspecto psicológico, porque alguns camaradas interpretam a transferência do poder para os Sovietes quase como o fim da vida). Trata-se, entretanto, de eliminar deformações.

No fundo, coloca-se o objectivo de criar um novo mecanismo de interacção entre o partido e os Sovietes, de introduzir métodos políticos de influência do partido sobre a actividade daqueles. Trata-se antes de mais de elaboração da política e da concretização desta através dos Sovietes. Não é apenas uma política a nível de todo o Estado. Há também uma política a nível republicano e regional. Como apontou Lénine, a política surge por todo o lado onde há massas. (Os organismos partidários só podem impor resoluções políticas aos órgãos do poder popular através dos métodos de convicção, recomendações e coordenação democrática, através dos comunistas que trabalham nos Sovietes e nos organismos executivos destes).

Somos obrigados a reconhecer que só estamos a dar os primeiros passos. Isso tem a ver com o Comité Central, o Bureau Político, aos Comités Centrais dos partidos comunistas das repúblicas federadas e os comités de território, região, distrito, cidade e bairro do partido. Organismos partidários continuam a substituir Sovietes. Hoje estes factos justificam-se de certo modo pelo período de transição que estamos a atravessar, porque os Sovietes ainda não estão preparados para tomar e para exercer o poder; faltam-lhes por enquanto diplomas legislativos correspondentes e quadros qualificados.

Vou responder a uma pergunta que os secretários dos comités do partido fazem com frequência: como trabalhar hoje, quando os Sovietes ainda não assumiram a responsabilidade nos marcos das suas atribuições? Isso, camaradas, não significa de modo algum que os comités partidários podem aproveitar os métodos antigos a despeito da situação social, que se altera radicalmente.

A vida mostra que muitos comités do partido exercem com êxito as suas funções, alterando resolutamente o estilo e métodos de trabalho, elevando o papel das organizações de base, realizando um amplo trabalho organizativo e ideológico no seio das massas e aproveitando os meios de comunicação social. Tais abordagens alteram bastante depressa o clima no respectivo bairro ou cidade, aproximam os organismos partidários dos trabalhadores e dão resultados nos ânimos e na actividade política e económica. O trabalho das organizações do território de Krasnodar e de Stávropol, da região de Lípetsk, Rostov e de Sarátov do PCUS e de algumas outras é exemplo disso.

Pelo contrário, nas regiões em que os organismos do partido não se esforçam por procurar novas formas e métodos, correspondentes às exigências do momento e avançam pelo caminho já trilhado, a perestroika desenvolve-se lentamente e com dificuldade, o que provoca a insatisfação das pessoas. Alguns camaradas habituaram-se tanto a trabalhar à antiga, que depois da eliminação das secções sectoriais recorrem

a artimanhas de toda espécie, para reproduzir essas funções nas secções socioeconómicas ou organizativas. Não há nada a acrescentar a isso. Não pode haver progressos com semelhante compreensão da reestruturação da actividade do partido e dos organismos partidários, estilo e métodos.

Quero também falar da actividade dos comunistas nos Sovietes. Há coisas patentes que não exigem argumentos complementares. As organizações partidárias e todo o partido devem exigir que os comunistas que foram encarregados de trabalhar nos Sovietes dêem exemplos de responsabilidade e se entreguem ao trabalho, concretizando objectivos de grande envergadura e inéditos da perestroika.

Colocam-se novas questões que devemos ver e consciencializar adequadamente. Os deputados do povo que são membros do partido têm responsabilidade dupla hoje; perante o partido e perante os eleitores. Não podemos, naturalmente, considerar deputados comunistas aqueles que não cumprem a disciplina partidária e as decisões do partido. Mas tão-pouco seria correcto reduzir a sua actividade de deputados à formalização estatal das directrizes do partido. É dever de cada deputado comunista agir a partir de posições únicas sobre as questões-chave decorrentes da estratégia política do partido e das resoluções do organismo partidário de nível correspondente sobre problemas de princípio. No resto concede-se total liberdade de iniciativas, opiniões e votações.

Durante a última campanha eleitoral não tínhamos também uma ideia clara da ética partidária dos candidatos a deputados que são militantes do partido. Alguns comportavam-se no fundo como candidatos independentes. Penso ser dever de cada comunista defender antes de mais a plataforma eleitoral do partido, fazendo conciliar com a mesma as teses básicas do seu programa que deve contar compromissos e propostas concretas.

Isso aconteceu em primeiro lugar porque os comités partidários não tiveram uma posição bem definida durante a campanha eleitoral. Muitos não estavam preparados para trabalhar no clima democrático que caracterizou as últimas eleições,

embora já tivéssemos debatido este problema em plenários do CC do PCUS e previsto o surgimento de situações extraordinárias nessa singular campanha eleitoral. Além disso o partido levou em conta a especificidade das eleições também ao elaborar a sua plataforma que foi apoiada pela sociedade. Muitos deputados, incluindo aqueles que criticavam o partido, enriqueceram os seus programas com teses da plataforma eleitoral do PCUS.

Os comités partidários, teimando com frequência em empregar os velhos métodos e impor a sua vontade em vez de coordenar as acções com os trabalhadores na elaboração de programas e apresentação de candidados, provocaram uma reacção negativa ou mesmo a oposição consciente dos eleitores.

Tudo isso fez com que os comunistas que gozavam de prestígio e apoio dos eleitores se vissem em situações difíceis ou mesmo conflituosas. Muitos dirigentes partidários não procederam da melhor maneira quando se mantinham afastados dessa campanha à qual ligávamos a resolução dos problemas mais importantes que enfrentámos durante a primeira etapa da reforma política.

Devemos estudar profundamente todos estes problemas. Sei que já foram e continuam a ser debatidos em organizações partidárias de bairro, de cidade, de região e de repúblicas. É muito importante tirar lições para o futuro trabalho tomando em consideração as novas tarefas que se colocam na seguinte etapa da reforma política.

Penso que ninguém duvida hoje que as novas eleições para os Sovietes locais e das repúblicas federadas provocarão um novo surto de politização da população. O partido deve estar preparado para agir energicamente nessa situação. As organizações partidárias não podem manter a neutralidade durante a campanha eleitoral. Não têm o direito de ficar calados quando podem dizer a sua palavra aos eleitores. As organizações partidárias devem saber trabalhar no seio da população nas mais diversas condições, incluindo situações extremas.